

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS
PROGRAMA DE CURTAS-METRAGENS: ABRIL – LIBERDADE – GUERRA COLONIAL
24 de abril de 2023

A NOITE SAIU À RUA / 1987

de Abi Feijó

Com a colaboração de: Cláudio Nobre, Manuel Tentúgal, Márcia Lucas, Luísa Leal, Tita Costa, Tito Morais, Rui Braz, João Abel Manta e Zeca Afonso / *Produção:* Filmógrafo / *Cópia:* 16 mm (suporte original), a cores, sem diálogos / *Duração:* 4 minutos / *Estreia mundial:* Fevereiro de 1988, Fantasporto / *Última passagem na Cinemateca Portuguesa:* 29 de maio de 2014, no âmbito do ciclo 25 de Abril Sempre – Parte II. A distância das Coisas: Trabalhar a Memória de Abril/Primeiros Ecos na Ficção.

40.25.04 / 2014

de vários realizadores

Realização, Argumento, Criação Gráfica: Bernardo Sarmento, Diana Gomes, Carla Simões, Miguel Pires de Matos, Miguel Simas, Pedro Freitas, Sílvia Namorado / *Guião Geral e Coordenação do Projeto:* Miguel Pires de Matos / *Animação:* Bernardo Sarmento, Miguel Simas, Pedro Freitas / *Música e Desenho de Som:* Miguel Pires de Matos / *Recolha e Conceção de Textos:* Carla Simões / *Fotografia:* Miguel Simas, Pedro Freitas / *Atores:* Carla Simões, Diana Gomes, Hegelberto Trigueiros, Inês Lencastre, Luísa Fidalgo, Miguel Simas, Pedro Freitas e Ricardo Fonseca / *Voz:* Paula Pires de Matos / *Edição:* Miguel Pires de Matos, Pedro Freitas / *Produção:* Bernardo Sarmento, Carla Simões, Diana Gomes, Miguel Pires de Matos, Miguel Simas, Pedro Freitas, Sílvia Namorado, Monstra, Triaxis / *Cópia:* DCP, a cores, sem diálogos / *Duração:* 6 minutos / *Estreia Mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

FADO LUSITANO / 1995

de Abi Feijó

Realização e Direção de Fotografia: Abi Feijó / *Story-board:* Abi Feijó, Óscar Branco, Luís Mareante, Pedro Serrazina, Teresa Feijó, Clídio Nóbio e Maria Moreira da Silva / *Animação e Artes Finais:* Abi Feijó, Zé Carlos Pinto, Regina Pessoa, Graça Gomes / *Design:* Abi Feijó, Regina Pessoa e Graça Gomes / *Som:* Fernando Rangel / *Produção e Produção Executiva:* Jorge Neves / *Coprodução:* Filmógrafo / Halas & Batchelor / *Música:* Manuel Tentúgal / *Voz:* Mário Viegas / *Cópia:* 35 mm, cor, falado em português / *Duração:* 6 minutos / *Estreia Mundial:* Novembro de 1995, Cinanima, Espinho / *Última passagem na Cinemateca Portuguesa:* 21 de dezembro de 2021, no âmbito do ciclo O FILMar com o Dia Mais Curto.

ESTILHAÇOS / 2001

de José Miguel Ribeiro

Realização, Argumento, Criação Gráfica e Diálogos: José Miguel Ribeiro / *Fotografia:* Carlos Cunha / *Montagem:* Igor Estevão, Rita Patacas, João Champton / *Música:* Tiago Cerqueira / *Produção:* Ana Carina Estróia e José Miguel Ribeiro, Praça Filmes / *Vozes:* Paulo Quedas, Bernardino Samina / *Cópia:* DCP, a cores, falado em português / *Duração:* 18 minutos / *Estreia Mundial:* 9 de março de 2016, Portugal / *Inédito na Cinemateca Portuguesa* (mostrado em excerto em 12 de janeiro de 2016, no âmbito do ciclo Imagem por Imagem – Cinema de Animação).

JANUÁRIO E A GUERRA / 2008

de André Ruivo

Realização, Grafismo e Storyboard: André Ruivo / Guião: André Ruivo com base num conto original de Henrique Ruivo / Layouts e Animação: Osvaldo Medina / Digitalização Clean-up e Pintura: Luís Canau, Joel Cardoso, Vânia Amado / Processamento de Imagem e Montagem: Luís Canau / Sonoplastia: Paulo Curado / Vozes: João Grosso, Teresa Sobral / Direção Técnica: Rui Cardoso / Assistente de Produção: Manuela Costa / Produção: Humberto Santana / Cópia: Betacam Digital, a cores, sem diálogos / Duração: 16 minutos / Estreia Mundial: Maio de 2008, Festival Mostra, Lisboa / Primeira apresentação na Cinemateca.

TIMOR LOROSAE / 2000

de José Miguel Ribeiro

Realização: José Miguel Ribeiro / Cópia: DCP, a preto e branco, sem diálogos / Duração: 1 minuto / Estreia Mundial: data não identificada / Última passagem na Cinemateca Portuguesa: 17 de outubro de 2015, no âmbito do ciclo Animação Portuguesa – A Afirmação II.

O CASACO ROSA / 2022

de Mónica Santos

Realização, Argumento, Montagem: Mónica Santos / Fotografia: Manuel Pinto Barros, Pedro Negrão / Produção: Vanessa Ventura, Nuno Amorim, Animais AVPL, Pedro Medeiros, Humberto Rocha, Um Segundo Filmes, Fabrice Dugast, Jean-François Le Corre, Vivement Lundi! / Música: Pedro Marques / Som: Kévin Feildel / Animação: Rita Sampaio, Joana Nogueira, Patrícia Rodrigues, Mónica Santos / Interpretação: Gilberto Oliveira / Cópia: DCP, a cores, falado em português com legendas em inglês / Duração: 9 minutos / Estreia Mundial: 15 de julho de 2022, Curtas Vila do Conde / Primeira apresentação na Cinemateca.

ABRAÇO DO VENTO / 2004

de José Miguel Ribeiro

Realização, Animação, Fotografia, Argumento: José Miguel Ribeiro / Montagem: José Miguel Ribeiro, João Camplon / Música: Carlos Paredes / Produção: Luís da Matta Almeida, Zepellin Filmes / Som: Carlos Ferreira / Cópia: Betacam Digital, a cores, sem diálogos / Duração: 3 minutos / Estreia Mundial: 28 de abril de 2005, ANIMA / Última passagem na Cinemateca Portuguesa: 17 de outubro de 2015, no âmbito do ciclo Abi Feijó | Realizador Convidado, Animação Portuguesa – Afirmação II.

Duração aproximada da projeção: 63 minutos.

Sessão com apresentação

Celebra-se Abril também lembrando o horror do regime anterior: desde o clima persecutório e mesquinho, instaurado pela PIDE e por toda uma cultura reinante da delação ou da desconfiança até às feridas ainda por sarar abertas por uma guerra vivida lá, nas antigas colónias em África, e depois cá, no país cinzento à beira-mar plantado, tudo “em nome da nação”. Mas a pergunta também redundante sempre no mesmo: que nação é esta? Qual o nosso lugar na história? E porquê este fado de contrariarmos o nosso isolamento geográfico com um desejo de dominação e poder que, como uma

mina, nos rebenta invariavelmente por debaixo dos pés? Como disse Abi Feijó, em entrevista concedida a Ricardo Vieira Lisboa para o *website À pala de Walsh*, “A função da animação não é reproduzir a realidade, é representá-la.” Como é que o próprio Feijó representa esta história de liberdades conquistadas, prometidas ou adiadas?

“Foi no mar que encontramos o nosso caminho”, diz a narração de **Fado Lusitano**, uma obra epopeica caracterizada por um claro pendor pedagógico. Da autoria do príncipe da animação portuguesa, Abi Feijó, **Fado Lusitano** faz do mar fonte e agente fundamental para se perceber a história do nosso país, do período expansionista dos Descobrimentos ao isolamento martirizado do salazarismo, incluindo ainda uma bicada final à entrada de Portugal na CEE, com Cavaco Silva a liderar o caminho em direção ao “Game Over” da “boa/má moeda” europeia. Independentemente de poder parecer ao espectador de hoje algo desatualizada a visão romântica que apresenta sobre a alegada bonomia da colonização portuguesa, a animação em recortes é deliciosa e uma justa caricatura de uma história feita em dois tempos: ora expandindo-se e dando “novos mundos ao mundo”, ora retraindo-se e “miserabilizando-se”, em penúria, fados e saudadinhas. Antes deste “fado”, Abi Feijó concebe um friso animado em **A Noite Saiu à Rua**, habitado por pessoas esquálidas lambuzando-se no seu pequeno poder (em cada uma das figuras, a ditadura floresce e fortifica-se). A intenção formal aqui é homenagear Abel Manta, um dos principais ilustradores da Revolução de Abril, “desenrolando”, como um longo panorama pré-cinematográfico, a história de 48 anos de salazarismo, período que termina abrupta e inesperadamente quando um cravo cai numa cela, surpreendendo o preso que fica a olhar especado para a flor, incapaz de perceber o seu significado.

Em certa medida, esse significado é revelado e expandido, pelo menos em parte, no iconicamente rico **40.25.04**, obra feita a várias mãos, coordenada por Miguel Pires de Matos, realizador e membro da direção da Mostra, para celebrar os 40 anos da Revolução, e que anima a pintura mural, os partidos e figuras ou figurações que marcaram o período do PREC. Uma cacofonia de símbolos ou simbologias é revelada à maneira de um jogo visual, qual *slot machine* de referências que começa e termina com a imagem de uma fachada repleta de inscrições *pop*, como quem conta a história de uma forma de ativismo caída em desuso, que passou e ainda passa por inscrever a mensagem revolucionária diretamente na paisagem urbana (e sobre a qual guardamos na memória um filme, se não “de animação”, bem vivo e “animado”: **Revolução** (1975) de Ana Hatherly).

José Miguel Ribeiro é um animador multipremiado (o seu inesquecível **A Suspeita** [1999] ganhou o Cartoon D’or em 2000) e um artista polivalente, experimentando e dominando várias técnicas (com areia, pintura, desenho, volumes, fotomontagem) e que acaba de estreiar **Nayola**, obra sobre a guerra civil em Angola, a fazer história por ser a primeira estreia comercial de uma longa de animação no nosso país. A sua formação passou decisivamente pela Filmógrafo de Abi Feijó, alguém para quem a animação não é um meio de fugirmos ao mundo, mas, bem pelo contrário, possibilidade para o adentrarmos de rompante e enfrentarmos intempestivamente. Mediante um objeto tão poderoso como **Estilhaços**, acedemos ao mundo interior das personagens como se nele fosse possível ver refletida uma história de reprodução macrocósmica da violência que, ao contrário do que se possa pensar, não ficou resolvida ou fechada com o advento da democracia: um filho “enfrenta” um pai traumatizado com a sua passagem pela Guiné Bissau, durante a Guerra Colonial. Trata-se, em certa medida, da primeira parte de um díptico que disseca algo explicado pelo próprio em entrevista concedida à RTP, no programa Cinemax, a propósito dessa estreia histórica de **Nayola**: “O que me motivou foi essa dimensão da família na guerra, como é que as famílias sobrevivem à guerra. (...) O que achei interessante foi sair da minha posição de europeu, e português, e perceber como é que a guerra é noutro lado”.

É aí que o encontramos em **Estilhaços**, quer dizer, no coração da família, algures entre o passado e o presente, com o realizador a intrometer no desenho a imagem real, quase sempre de maneira subtil e poderosa. Mas não estamos “lá”, estamos com aquele filho e aquele pai, hoje, no Portugal contemporâneo. Frente a um televisor onde passa um jogo de futebol da seleção nacional, o filho

decide confidenciar porque é que decidiu sair de casa e afastar-se do pai. Este último desliga o televisor e recapitula a história que, segundo o filho, envenena a sua relação com os outros, começando pelos mais próximos. As personagens viajam no tempo e, de facto, talvez seja a viagem no tempo da memória (a memória como matéria plástica, quase háptica) um dos principais movimentos de uma parte do cinema de José Miguel Ribeiro, se tivermos no espírito **Viagem a Cabo Verde** (2010) mas também e já **Abraço do Vento**, que, nas palavras do próprio cineasta, é “um filme que fala de lugares que estão distantes e que se aproximam” (cito uma entrevista concedida à Universidade Lusófona, conduzida por Paulo Viveiros e disponível no YouTube).

Estilhaços “documenta” um passado que é e ainda está bem presente, que continua a produzir efeitos no nosso dia-a-dia (uma cultura da violência que também terá feito José Miguel Ribeiro conceber esse verdadeiro *spot* contra a guerra, a intolerância e o medo que é **Timor Lorosae**) – é preciso visibilizar, leia-se, “descolonizar” estas narrativas familiares sobre (ou sob) a guerra. A animação é uma das ferramentas mais poderosas para se operar esta “intervenção” mais ou menos catártica, mais ou menos terapêutica, potenciada por um traço fulgurantemente expressionista, com a imagem a cair num preto-e-branco plúmbeo à medida que o processo rememorativo se embrenha cada vez mais numa espécie de “selva interior”, que se transforma e adapta às diferentes tonalidades emotivas levadas a cena por este filho empenhado em compreender o seu pai e essa sua “história de violência”.

Para falar desse passado na guerra que continua a ser e a estar presente nas nossas vidas, também temos neste programa o filme de André Ruivo, um dos principais nomes dessa verdadeira escola da animação nacional que é a produtora Animais, bem como um experiente ilustrador conhecido pelo seu traço *naïf* extremamente vivo e pitoresco, de humor fino e, por vezes, grotesco (vejam-se os títulos tão deliciosos quanto delirantes **O Campo à Beira-mar** [2015] e **Circo** [2017]). **Januário e a Guerra** é a história desalentada (a narração dada pelo traço simples acompanha o conteúdo desta alegoria desoladora que não deverá ser reduzida ao contexto da nossa Guerra Colonial) versando sobre um pobre soldado tornado em carne para canhão numa disputa miserável em que se substituem munições por onomatopeias. Januário representa o soldado desconhecido, morto pela sua própria sofreguidão em comer a primeira refeição após ter sido decretado o fim do conflito. História da solidão do homem anónimo quando já nem a guerra lhe vale para *ser* alguém – um pequeno mas pungente filme sobre a condenação do soldado ao esquecimento, quando as cortinas caem e as luzes se acendem, após o rebate para o regresso à vida civil, motivo de reflexão moral e decisivo fator de criação dramática – faz-me pensar, pelo menos tematicamente, nalguns grandes filmes da história do cinema, como os de Luigi Comencini (**Tutti a casa** [1960]) ou mesmo de Michael Powell & Emeric Pressburger (**The Life and Death of Cornel Blimp** [1943]).

Representar Abril através de um filme de animação colorido e musical é também uma forma de “virar a casaca” ao tom geral do salazarismo. Mónica Santos tem desenvolvido um trabalho muito consistente no âmbito da técnica do *stop-motion* ou pixilação, reinventado ainda formas narrativas ao recorrer a estereótipos do cinema de género. **O Casaco Rosa** começa ao jeito de um filme histórico que se propõe reabrir o *dossier* do caso do infame inspetor da PIDE Rosa Casaco. No entanto, rapidamente o filme produz uma fuga, “virando a casaca” dessa premissa. Mónica Santos decide ir ao *closet* e nele pôr em movimento um “casaco rosa” com vida própria que atazana a de outros casacos, por exemplo, costurando-os ou impondo-lhes queimaduras, sem remendo possível, com um ferro de engomar a vapor. Apesar de falarmos de casacos e não de pessoas propriamente ditas, nada fica por esconder ou dizer sobre os procedimentos terríveis da nossa polícia política. A animação, por via da metáfora ou como sintoma histórico e político que também é (não o é todo o [bom] cinema político?), também tem esta capacidade de “desnudar” uma dada realidade e “ revesti-la” da possibilidade de um *second coming*, como roupa em segunda mão que agora parece poder vir a estar perigosamente, e de novo, “na moda”. Esperemos que não.